Recebido: 15 de abril de 2025 | Aceito: 10 de junho de 2025

GRIG, L. POPULAR CULTURE AND THE END OF ANTIQUITY IN SOUTHERN GAUL, C. 400–550. CAMBRIDGE: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2024. 260p. ISBN: 9781108491440

Marcio Monteneri[1]

Lucy Grig, professora na Escola de História, Estudos Clássicos e Arqueologia na Universidade de Edimburgo, tem trabalhado há anos com a questão da cultura popular na Antiguidade, tendo inclusive publicado anteriormente um livro sobre o assunto, *Popular Culture in the Ancient World* (2017). Em sua obra mais recente, *Popular Culture and the End of Antiquity in Southern Gaul, c. 400–550*, Grig expande suas reflexões, agora voltadas para as transformações culturais durante a Antiguidade Tardia. Nesse novo trabalho, a autora examina as mudanças sociais, econômicas e religiosas do sul da Gália entre os anos 400 e 550 através das lentes da cultura popular, que passava por sua própria transformação nesse período. A partir da análise de fontes literárias, sobretudo sermões de Cesário de Arles, e de outros materiais como relatórios arqueológicos recentes, a autora aborda a agência de diferentes grupos sociais, como artesãos, mendigos, camponeses, pastores, entre outros. Assim, Grig explora a interação de forças divergentes, de cima para baixo e de baixo para cima, que atuavam em um contexto de amplas transformações.

A obra, como esperado da Cambridge University Press, é certamente bem produzida, sem erros de digitação graves e com poucas imagens coloridas e em preto e branco. O livro conta com sete capítulos, incluindo a introdução e a conclusão. Os capítulos são bem balanceados em termos de quantidade de páginas - cada capítulo possui entre 29 e 37 páginas -, sendo o maior e talvez o mais importante deles o capítulo 6, dedicado ao estudo de caso das Calendas de Janeiro.

Na introdução, Grig apresenta o que ela e outros autores, principalmente Stuart Hall, entendem por "cultura popular". A cultura popular, tal como definida pela autora, é constituída a partir de uma relação contínua (de influência e/ou de antagonismo) com a cultura dominante. Não existe uma cultura popular completa, autêntica e autônoma que esteja fora do campo de força das relações de poder e de dominação cultural. A partir de uma breve discussão sobre fontes históricas, como grafites de Pompeia e de Afrodísias, bem como textos produzidos por Amiano Marcelino e Sidônio

[1] Marcio Monteneri – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: marciomonteneri@gmail.com

Apolinário, a autora levanta uma série de questões relevantes para sua investigação da cultura popular no sul da Gália durante a Antiguidade Tardia: que espaços asseguravam a expressão de uma cultura popular? Quem frequentava esses lugares? Qual o impacto da organização do trabalho na cultura popular? Qual a relação entre a cultura popular e o conflito social? Em seguida, a atenção vai para o sul da Gália propriamente dito, com um esboço do contexto histórico das principais mudanças políticas e estruturais do período. Aqui, a autora também fornece ao leitor uma contextualização essencial para compreensão das atividades do bispo Cesário e da Igreja da Provença. Finalmente, são apresentadas as principais fontes, métodos e temas. A evidência literária produzida pela Igreja da Antiguidade Tardia está no cerne da análise. Os textos incluem principalmente sermões, mas também documentos conciliares,

hagiografias e cartas. Em sua análise, a autora também mobiliza evidências da cultura material, a saber, relatos de levantamento, escavação e síntese arqueológica. A utilização deste material levanta desafios metodológicos substanciais. As lentes distorcidas dos escritos episcopais e o quadro arqueológico muitas vezes limitado tornam o acesso à cultura popular desafiador.

No Capítulo 2, *Urban Contexts for Popular Culture in an Age of Transformation*, Grig analisa as transformações das cidades do sul da Gália durante a Antiguidade Tardia. A autora combina evidências textuais e arqueológicas para construir uma imagem abrangente principalmente de Arles e Marselha, mas também de outros centros urbanos como Aix, Nîmes e Narbonne. Nesse capítulo, Grig aborda as transformações na paisagem urbana dessas cidades, as profissões e identidades de seus habitantes, o impacto topográfico e social da Igreja sobre o ambiente urbano e as relações sociais constituídas em torno das cidades em questão. A ideia é estabelecer um contexto no qual a cultura popular foi constituída e experimentada. Em linhas gerais, a paisagem urbana das cidades do sul da Gália passou por mudanças substanciais na Antiguidade Tardia. O abandono de edifícios públicos tradicionais, incluindo os locais de espetáculos onde se realizavam entretenimentos públicos organizados pela elite, impulsionou o desenvolvimento de uma cultura popular do tipo "faça você mesmo", como beber, cantar, dançar e jogar. Paralelamente, a ascensão do bispo ao poder e à influência trouxe novas oportunidades para a não-elite urbana fazer ouvir suas vozes.

No capítulo 3, *Popular Culture, Society and Economy. The Countryside in Transition in Late Antiquity*, Grig analisa as principais características do campo na Antiguidade Tardia. A autora aborda principalmente algumas

das paisagens que constituíam o território de Arles - as lagoas ao sul como o Étang de Berre e o Étang de Vaccarés, a região de Camargue e de Crau, as colinas dos Alpilles, bem como a região costeira do Languedoc - mas também analisa espaços fora dessa fronteira. Evidências da organização social e da mudança dos seus padrões, das atividades econômicas e da paisagem religiosa da zona rural são explorados nessa parte. O campo estava igualmente em contínua mudança na Antiguidade Tardia. A autora identifica novos padrões de povoamento, bem como o crescimento de novos centros de consumo e de produção. Paralelamente, a Igreja da Antiguidade Tardia buscava aumentar seu controle - social e econômico - sobre o campo. Após tais mudanças, as elites seculares e religiosas ainda se faziam presentes em grande parte da paisagem, mas, de todo modo, existem sinais de maior autonomia para pelo menos algumas das populações rurais. Juntos, os capítulos 2 e 3 fornecem uma contextualização importante e necessária para abordagem de uma cultura popular enraizada na sociedade e na economia da Antiguidade Tardia.

No capítulo 4, *Christianizing Popular Culture. The View 'from the Pulpit'*, Grig aborda a cultura popular tal como vista pela Igreja da Antiguidade Tardia. A autora analisa as formas pelas quais o discurso clerical, principalmente os sermões de Cesário de Arles, construíram e contestaram a cultura popular. Grig também compara os sermões de Cesário com outras vozes de épocas e de lugares diferentes. A partir de uma leitura comparativa e "a contrapelo" das fontes produzidas pelas elites religiosas, a autora traz à tona práticas como o canto, a dança e a zombaria, associadas às não-elites, mostrando que apesar das tentativas persistentes de Cesário para definir, moldar e controlar a "cultura não autorizada", seu sucesso estava longe de ser completo.

No capítulo 5, *An Alternative View. Lived Religion As Popular Culture*, Grig analisa algumas práticas religiosas populares da zona rural do sul da Gália na Antiguidade Tardia. A partir da análise de fontes eclesiásticas como textos de Gregório de Tours e da *Vita Caesarii*, mas também evidências materiais, a autora discute uma série de práticas populares, como um culto dedicado a um lago sagrado, as festas em homenagem a João Batista na Provença e no Norte da África, os rituais de proteção contra catástrofes naturais, entre outros. Para iluminar sua abordagem da cultura popular, nesse capítulo a autora mobiliza uma série de abordagens extraídas de estudos antropológicos, arqueológicos e religiosos. Isso mostrou que as mudanças religiosas da Antiguidade Tardia não deveriam ser entendidas como uma "cristianização" de cima para baixo. Pessoas e grupos se apropriaram, criaram, adaptaram e até mesmo resistiram a aspectos da religião tal como definida pelo discurso eclesiático. Esse capítulo, portanto,

afasta-se de uma abordagem puramente de cima para baixo, focada na elite eclesiástica, para considerar uma gama mais diversificada de práticas religiosas populares em seus próprios termos.

No capítulo 6, *The Kalends of January. The Persistence of Popular Culture*, Grig realiza um estudo de caso do festival das Calendas de Janeiro. A autora investiga novamente textos de Cesário de Arles, além de outras fontes eclesiásticas provenientes da Gália e de outras partes do mundo. Nesse capítulo, a autora apresenta uma visão geral das Calendas de Janeiro na Antiguidade Tardia, discute a crítica eclesiástica feita ao festival, além de examinar detalhadamente o papel da troca de presentes (*strenae*) que ocorria durante a festa. Diversas abordagens acadêmicas, principalmente as teorias do carnaval, são consideradas pela autora em sua interpretação do festival. A celebração das Calendas no Império Romano envolvia tanto eventos públicos oficiais, quanto atividades não oficiais - como comer, beber, cantar, dançar e festejar - muitas das quais conhecemos por meio da resposta hostil da Igreja na Antiguidade Tardia. Práticas rituais realizadas tanto no campo quanto na cidade, como preparar uma mesa cheia de comida com o objetivo de garantir abundância o ano todo, bem como trocar "presentes de boa sorte" (*strenae*), eram taxadas como "supersticiosas" pelos clérigos. As visitas de porta em porta talvez sejam o aspecto mais intrigante do festival do ponto de vista da cultura popular. Os foliões de ano novo faziam suas visitas em vários tipos de fantasias: pintavam os rostos, vestiam-se de animais, especialmente como cervos e gados. Para desgosto de seus opositores clericais, homens se vestiam como mulheres e mulheres se vestiam como homens. Os foliões das Calendas, tendo sua verdadeira identidade muitas vezes escondida com segurança sob um disfarce, reuniam-se em grupos e se sentiam livres para se divertir. Um testemunho clerical de Astério, bispo de Amaseia na região do Mar Negro no final do século IV, descreve como os foliões - mendigos comuns, atores, inclusive mulheres - se reuniam para visitar principalmente as casas dos políticos locais para exigir presentes na forma de dinheiro vivo. A autora toma essas descrições como evidência da maneira pela qual os pobres e os marginalizados faziam uso criativo da folia em uma tentativa de desabafar, melhorar sua condição material e ajustar as contas sobretudo com políticos corruptos e ineptos.

Popular Culture and the End of Antiquity in Southern Gaul, c. 400–550, de Lucy Grig é sem dúvida uma obra inovadora, pois lança luz sobre um debate pouco explorado - as dinâmicas da cultura popular na Antiguidade Tardia - a partir de uma abordagem interdisciplinar que combina fontes textuais e materiais. Grig contribui significativamente para essa discussão ao

destacar a interação entre cultura popular e dominante, bem como as tensões e

adaptações que moldaram as práticas culturais nesse período. Um dos grandes méritos da obra é o uso consistente de uma leitura a contrapelo de textos das elites religiosas, o que permite trazer à tona aspectos das experiências e práticas de grupos subalternos e populares com notável perspicácia. No entanto, a obra deixa margem para questionamentos sobre o que de fato mudou na cultura popular com a transição do mundo 'Clássico' para a Antiguidade Tardia. Atividades como beber, dançar e jogar, apresentadas como características de uma cultura do tipo "faça você mesmo", parecem ser práticas já presentes em períodos anteriores, o que suscita dúvidas sobre o alcance das transformações culturais sugeridas. Esse ponto poderia ter sido mais bem explorado, contribuindo para um panorama mais claro sobre as continuidades e rupturas desse processo histórico. Apesar disso, o livro oferece uma análise rica e instigante, consolidando-se como uma referência fundamental para os estudos sobre Antiguidade Tardia e cultura popular.